

## Mais\*

MEDO  
DO VÍRUS,  
MEDO DA  
VIOLÊNCIA

**Mil Vidas** Violência em Salvador e RMS cresce na quarentena e milésima morte é registrada 35 dias antes da marca de 2019

**Clarissa Pacheco**  
REPORTAGEM  
clarissa.pacheco@redabahia.com.br

Todos os dias, quatro vidas se perdem, como num ciclo, repetido 135 vezes. Uns dias mais, outros menos; em alguns poucos, apaz de nenhuma morte violenta registrada em Salvador e Região Metropolitana. O que chama a atenção nesses casos não são os números, mas o contexto: 606 pessoas tiveram mortes violentas durante a quarentena, quando a principal recomendação para evitar o contágio pelo coronavírus é o isolamento social.

Mas, mesmo com a rotina alterada, mais de 60% das mil mortes registradas este ano em Salvador e RMS aconteceram quando as pessoas tentaram ficar resguardadas em casa. No último dia 30, a milésima vítima do ano se foi. Um homem de identidade ignorada foi morto às 22h42, no bairro da Saramandaia.

Em alguns locais, o isolamento não provocou qualquer mudança em relação à segurança pública: nas periferias, o risco de morrer em decorrência da violência não diminuiu com o isolamento social – até aumentou e se somou a mais uma preocupação: a de morrer de covid-19. Em Salvador, o risco ficou ainda maior nos bairros de Sussuarana e Lobato, que lideraram o ranking.

A pedagoga Michele Santos, 26 anos, que mora no Lobato há 25, confirma que a pandemia não diminuiu o medo por lá. “Ultimamente, temos tido mais medo por causa da frequência dos tiroteios. Tem acontecido conflitos

entre rivais com frequência, até mesmo durante o dia”, conta.

Para o cientista social Luiz Cláudio Lourenço, um dos coordenadores do Laboratório de Estudos em Segurança Pública, Cidadania e Sociedade (Lassos/Ufba), algumas hipoteses podem ajudar a compreender o aumento da violência durante a quarentena, entre elas a disputa por controle do tráfico de drogas, o aumento da demanda por entorpecentes e, mesmo onde o isolamento não tem sido tão efetivo assim, as ruas mais vazias.

“As periferias tiveram uma baixa adesão ao isolamento. Por outro lado, há também um período de exceção, menos vigiado, em alguns horários com menos gente na rua. E, quando diminui o número de pessoas, também propicia a prática de atos ilícitos”, sugere.

Em bairros periféricos, o isolamento tem sido mesmo menor. Segundo a Ouvidoria Geral do Município, foram 2.527 denúncias de aglomeração em Sussuarana e outras 2.425 do Lobato. Mas essa baixa adesão, explica a cientista social Luciene Santana, não necessariamente é intencional.

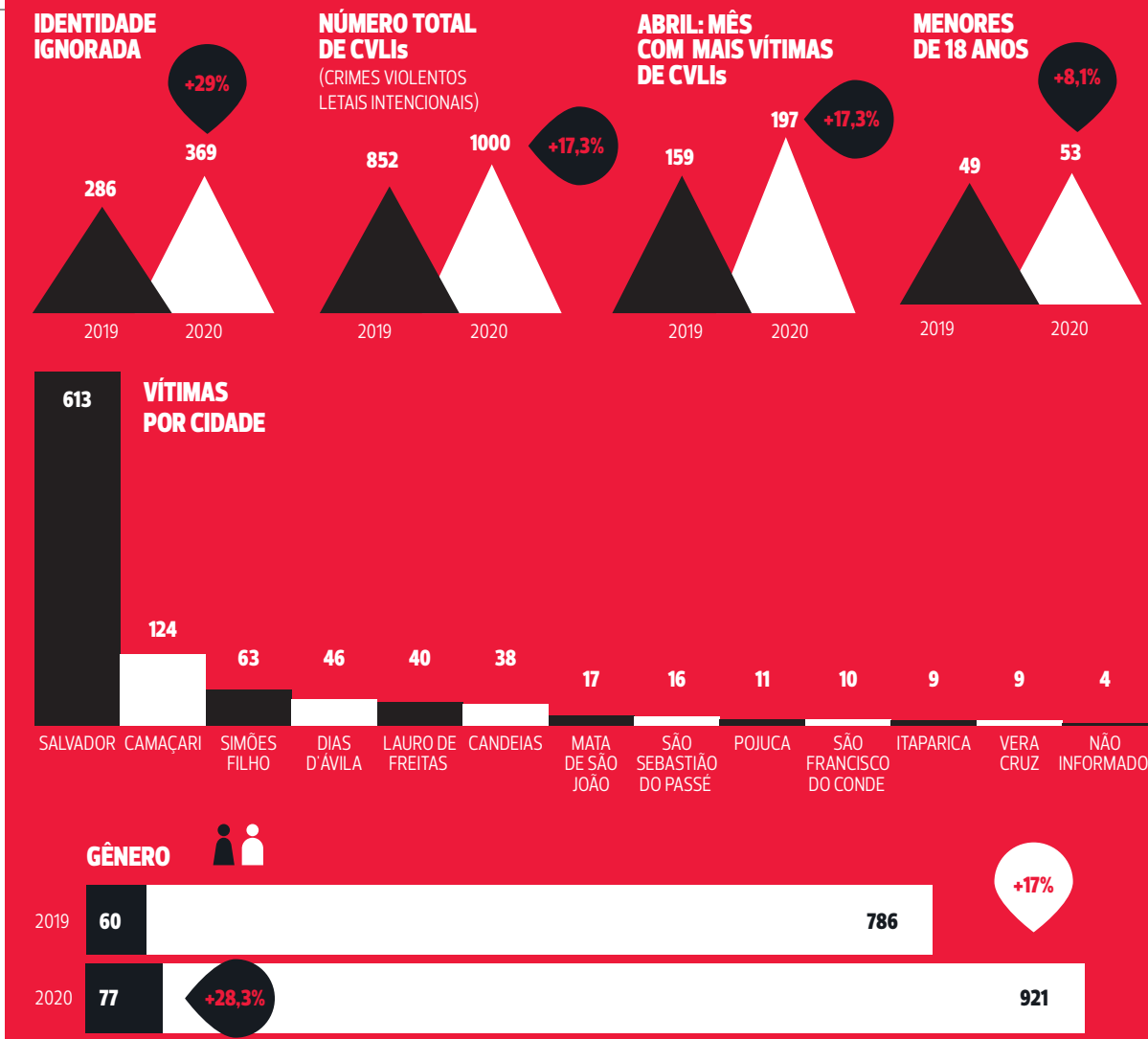
Luciene é pesquisadora da Rede de Observatórios de Segurança na Bahia e da Iniciativa Negra por uma Nova Política Sobre Drogas e aponta que nesses locais, muita gente simplesmente não pode se isolar – precisa trabalhar fora, por exemplo. Ou seja, para elas, o cenário geral não mudou com a quarentena.

#### EM ALTA

Os números da violência em Salvador e RMS são maiores este ano do que em 2019, mas o mês de abril chama mais a atenção. A marca de 197 vítimas

## \* RAIÃO-X MIL VIDAS 2020

1º de Janeiro a 30 de Julho



O bairro de Sussuarana lidera mortes violentas este ano: 37 desde janeiro, 21 na quarentena e 11 só no mês de abril



MAURO AKIN NASSOR/ARQUIVO CORREIO

mas de crimes violentos letais intencionais (homicídios, latrocínios e lesões corporais seguidas de morte) em 30 dias, registrada nos boletins diários da Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP), é 27,9% maior do que em abril de 2019. Além disso, abril de 2020 tem o maior volume de mortes em um único mês desde janeiro de 2017.

No dia 21 de abril, uma terça-feira, feriado de Tiradentes em que o isolamento social na Bahia alcançou a marca de 52,4% e o fluxo de veículos estava 66% menor em Salvador, foram nove vítimas, três de uma só vez, em Sussuarana. Fernando, Davi e Laércio estavam algemados e mortos den-

tro de um carro na Avenida Gal Costa.

Nos quatro meses da quarentena iniciada em 17 de março, a alta se manteve: de 17 de março a 30 de julho de 2019 foram 557 mortes violentas. Este ano, 606 nos mesmo período – 49 a mais.

O dia da milésima morte também indica um aumento: este ano, em 30 de julho – 35 dias antes da data em que a marca foi alcançada em 2019, 3 de setembro. A SSP reconheceu que, após três anos de quedas de mortes violentas na Bahia, houve alta em março e abril – e atribuiu à soltura de presos ligados ao tráfico (leia ao lado).

Para Luciene Santana, houve, no início da quarentena, uma redução de casos, o que ela atribui a um tempo para que as forças de segurança se reorganizassem: “A gente imagina que as pessoas vão estar em suas casas e que esses crimes teriam uma redução – e também imagina uma redução de incursões policiais. Mas houve grandes operações”.



#### A MILÉSIMA VÍTIMA DE CADA ANO

**14/7/2011** Pablo Castro, 19 anos  
**18/5/2012** Fátima Gomes Moreira, 36  
**17/6/2013** Ana Cláudia de Sousa, 33  
**23/6/2014** Adalberto da Conceição, 28  
**14/7/2015** Paulo César Borges dos Santos, 30  
**28/6/2016** Raimundo Nonato Reis, 49  
**13/6/2017** Manuel dos Reis Alves, 77  
**3/8/2018** Alexandre Almeida Santos, 34  
**3/9/2019** Homem, identidade ignorada  
**30/7/2020** Homem, identidade ignorada (35 dias antes)

#### OPERAÇÕES POLICIAIS

Ela cita como exemplo o próprio bairro de Sussuarana. Somente durante a quarentena, foram 21 CVLIs lá – 37 desde o início do ano e 11 somente em abril. Naquele mês, após cinco mortes em uma semana, uma operação com 120 policiais militares ocupou o bairro.

“Como isso interferiu no bairro? As mortes continuaram acontecendo, tanto em decorrência de crimes, de tráfico de drogas, como até da pandemia”, aponta Luciene.

Entre maio e julho foram mais seis mortes, um forte tiroteio entre traficantes do Bonde do Maluco e da Tropa do A, e mais uma ocupação.

Segundo a SSP, diante do cenário, a pasta com as polícias Civil, Militar e Técnica, “ampliou as ações de inteligência e repressão, alcançando quedas seguidas no meses de maio e junho (menor número de 2020)”.

#### DINÂMICA DAS FACÇÕES

Para a cientista social Silvia Ramos, coordenadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC), a disputa por território do tráfico em Sussuarana é um exemplo do que vem e desmorolando em outros locais durante a pandemia e contribuindo para o aumento das mortes violentas.

“Parece que, durante a pandemia, alguns grupos faccionados tomaram a decisão de disputar territórios, de se preparar, digamos assim, para um momento em que as

temos tido mais medo por causa da frequência dos tiroteios. Tem acontecido conflitos até durante o dia Michele Santos

Pedagoga, 26

Há também um período de exceção, menos vigiado, em alguns horários com menos gente na rua Luiz Cláudio Lourenço

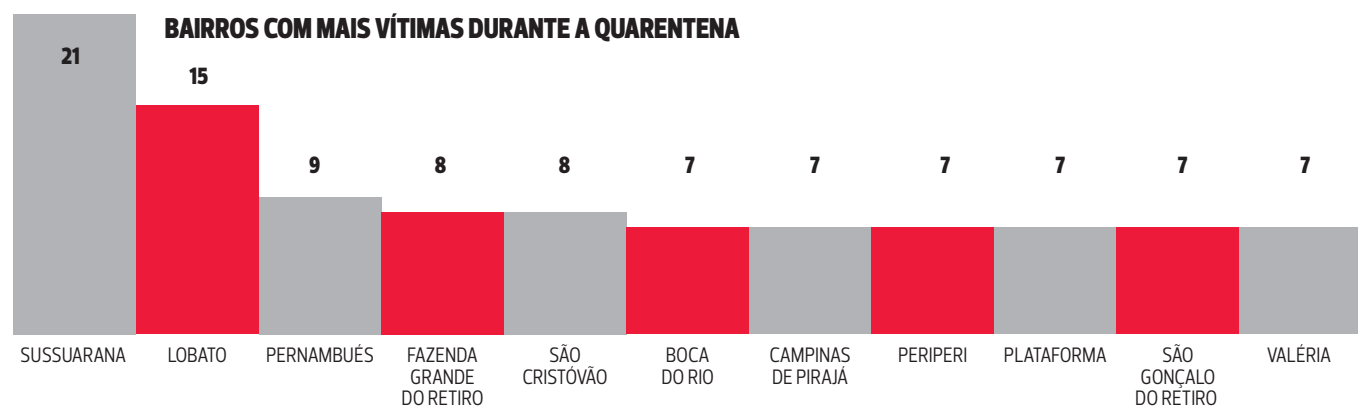
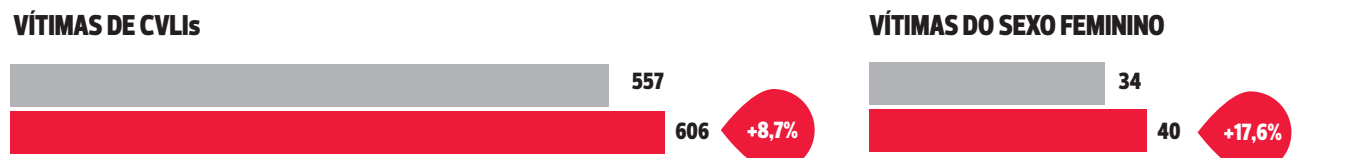
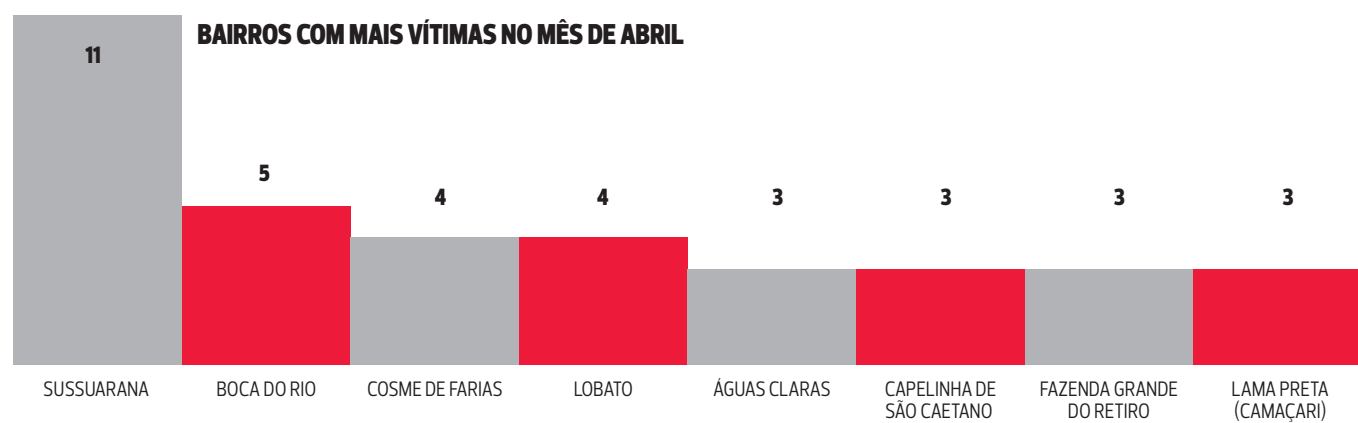
Cientista social

Parece que, durante a pandemia, grupos faccionados tomaram a decisão de disputar territórios Silvia Ramos

Cientista social

## \* MIL VIDAS 2020: QUARENTENA

17 de março a 30 de julho



O premiado especial de reportagens mil vidas é publicado pelo correio desde 2011. acompanhe os dados e textos em [www.correio24horas.com.br/mil-vidas](http://www.correio24horas.com.br/mil-vidas)

atividades vão voltar ao ‘normal’. Isso combinado com políticas de segurança que são exclusivamente voltadas para a repressão armada, e não para a prevenção, acho que está contribuindo para essa situação difícil de explicar”, avalia.

Luiz Cláudio Lourenço também vê um aumento na disputa entre facções e fala em aumento na demanda por drogas: “Aqui em Salvador, esse movimento de disputa aumentou e uma das possibilidades, hipoteticamente falando, é que a demanda por drogas nesse período tende a aumentar, os usuários tendem a ter uma fuga da realidade maior”.

Jornalista, doutor em Ciência Política e pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV/USP), Bruno Paes Manso diz que ainda é cedo para apontar respostas, mas cita dois fatores: o ciclo de vingança, em que a morte de uma liderança no tráfico acaba gerando reações em cadeia, e polícia como um elemento que “joga gasolina na fogueira”.

“Ninguém vai conseguir acabar com o mercado de drogas, mas se você consegue acabar com a violência, é uma redução de danos”, aponta. “Mas, a polícia vai lá e mata de um lado, desestabiliza o líder, aí vai o grupo rival e aproveita para invadir. A polícia acaba contribuindo, porque faz parte da política do governo dividir para controlar”, completa.

## Itinga reduz em 40% as mortes violentas

Se, em Salvador, Sussuarana viu a curva de crimes violentos letais intencionais subir 70% de 2019 para 2020, o bairro de Itinga, em Lauro de Freitas, viveu um movimento contrário. No ano passado, quando o CORREIO publicou um levantamento com os CVLIs dos boletins da Secretaria de Segurança Pública desde janeiro de 2011, Itinga era o bairro com o maior número de mortes. Este ano, o bairro da cidade vizinha registrou queda acentuada. Enquanto em 2019 foram contabilizadas 25 vítimas entre 1º de janeiro e 30 de julho, este ano o número caiu para 15 no mesmo período, uma redução de 40%.

Em nota, a Polícia Militar informou que a criminalidade atua de forma mutável e de acordo com várias circunstâncias e que, em alguns casos, a resposta é mais rápida: “Onde há mais casos de crimes, há replanejamento de atuação com o envolvimento das companhias ou batalhões de área e apoio de especializadas e outras unidades. São realizadas operações constantes, ocupações, acompanhamento e estudo com ações específicas”.

## SSP atribui aumento a soltura de detentos

Para a Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP), a soltura de presos ligados ao tráfico de drogas durante a pandemia explica a alta no número de mortes violentas este ano, sobretudo nos meses de março e abril. “Nesse mesmo período, pouco mais de três mil detentos envolvidos com tráfico de drogas foram colocados em prisão domiciliar, acirrando as disputas por pontos de venda de entorpecentes”, disse a SSP, em nota.

Desde o início da pandemia, de acordo com a Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização (Seap), 1.841 detentos foram liberados de presídios baianos para prisão domiciliar e outros 2.502 receberam alvará de soltura e livre trânsito condicional.

Para Luiz Cláudio Lourenço, um dos coordenadores do Lassos/Ufba, pra fazer uma relação direta entre a soltura e as mortes é preciso saber se esses detentos não foram vítimas. “Teria que ver se essas pessoas não foram vítimas e não apenas autores de homicídios, porque, muitas vezes, essas pessoas saem com dívidas de drogas e não conseguem arcar com isso”, pondera.